

Migração faz crescer violência na Grande Vitória

Luiz Vital

Enquanto a população que habita os municípios que compõem a Grande Vitória vive aterrorizada diante da crescente onda de violência, gerada pela desesperança em que vive a maior parcela da sociedade, conforme avaliação do sociólogo e professor universitário Dilvo Peruzzo, no interior do Estado a situação, em alguns municípios, chega a ser o oposto. O número de habitantes está diminuindo em diversos municípios, resultado da migração, e com isso decresce também o índice de criminalidade nessas regiões. E não são raros os moradores que podem se dar ao luxo de dormir com janelas abertas ou deixar de trancar os carros nas ruas.

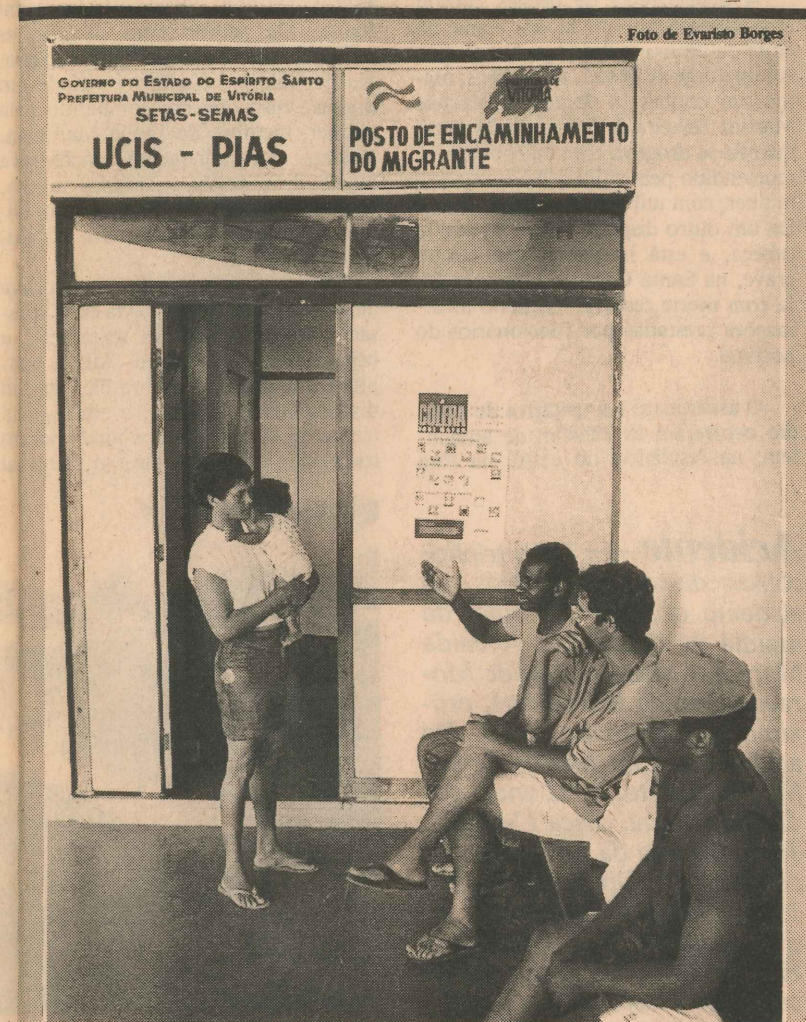


Foto de Evaristo Borges

Os migrantes chegam diariamente do Rio, São Paulo e de Minas

PM confirma onda de crimes

A Polícia Militar confirma que a maioria dos crimes praticados no Estado ocorre na Grande Vitória, embora na região esteja concentrado o maior contingente policial, com dezenas de delegacias, quatro batalhões da PM, além da Superintendência da Polícia Federal. Enquanto na região metropolitana os índices de criminalidade são alarmantes, segundo a PM, no interior do Estado a violência atinge níveis mais baixos.

De acordo com um levantamento elaborado pela PM no mês de janeiro, houve um aumento de ocorrências policiais em todo o Estado, exceto na região do Segundo Batalhão, sediado em Nova Venécia, onde houve um decréscimo de 0,8%, em relação ao mês anterior. Na Grande Vitória, são assassinadas duas pessoas por dia, em média, três veículos são roubados diariamente, e as ocorrências relacionadas ao tráfico de drogas são frequentes.

Enquanto aumenta a criminalidade na Grande Vitória, há casos de municípios do interior do Estado onde a criminalidade tem índice praticamente zero. Em Laranja da Terra, houve um roubo e um crime de trânsito. Em Bom Jesus do Norte, dois arrombamentos e um crime de trânsito, e em Apicacá, houve uma agressão e três furtos. As ocorrências relacionadas ao uso e tráfico de drogas são raras nas pequenas cidades.

Superpopulação, pobreza e um crescimento vertiginoso da violência e criminalidade caracterizam hoje a região metropolitana da Grande Vitória, em um processo que se iniciou nos anos 80. Uma situação inversa, porém, está ocorrendo no interior do Estado, onde a população está diminuindo proporcionalmente, e em várias regiões a criminalidade é praticamente inexistente. Esse quadro tende a se expandir nos próximos anos, com o número cada vez maior de migrantes que deixam o interior para se fixar na Grande Vitória.

Nos últimos anos a população da região metropolitana cresceu em torno de 50%, enquanto nos demais municípios do Estado o aumento foi de 16,5%, revelando que o interior está se esvaziando, produzindo uma corrida à capital. Além disso, a Grande Vitória ainda recebe grandes levas de migrantes vindos de outros Estados, como Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Sem estrutura para receber tamanho contingente, surgem enormes bolsões de pobreza na região, com condições precárias de vida, onde a violência impera na busca pela sobrevivência.

Violência

“A desesperança é a ante-sala da violência”, analisa o sociólogo e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) Dilvo Peruzzo. Ele acredita que os “desesperançados” formam aquela parcela da população sem acesso aos serviços básicos, como habitação, saúde e educação, e que enfrenta o desemprego por falta de oferta ou por não ter qualificação profissional. “Existe um contraste visível entre uma maioria miserável e uma pequena parcela com grandes rendas, que é a primeira causa da violência”, salienta Peruzzo.

O professor universitário é de

opinião de que a violência na Grande Vitória tende a se agravar nos próximos anos. “A falta de confiança nas instituições resulta em saídas individuais, e a curto prazo, esse quadro estará muito mais acirrado”, prevê. Peruzzo observa que está havendo um processo acelerado de migração, aumentando a parcela miserável da população. “Muitos chegam a Vitória, vindos de regiões distantes, buscando emprego e melhores condições de vida, mas essa busca acaba se frustrando, provocando distorções”, enfatiza o professor.

Peruzzo acredita que o poder público não consegue atender à demanda, deixando de prestar serviços às populações periféricas, exatamente onde o índice de criminalidade é maior. “Existem poucas respostas por parte dos órgãos públicos, e as que existem são muito tímidas”, pondera. Peruzzo entende que a situação é “desesperadora”, tanto no campo quanto nas regiões metropolitanas. “É uma questão global, que envolve muitos fatores”, afirma. “É preciso ter um projeto de sociedade, que contenha, por exemplo, uma reforma agrária e social profunda”, conclui.

Concentração

Nas últimas décadas a Grande Vitória experimentou um crescimento demográfico considerável. Em 1960 a população da região era em torno de 200 mil habitantes. Em 1980 essa população passou para pouco mais de 700 mil, e inicia a década de 90 com 1.063,293 habitantes, segundo dados preliminares do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no Censo Demográfico feito no ano passado. Em 15 municípios do interior, entretanto, a população diminuiu, segundo o IBGE, como em Afonso Cláudio,

Alegre, Barra de São Francisco, Colatina, Conceição do Castelo, Ecoporanga, Iúma, Linhares, Muricuri, Pancas e Santa Leopoldina.

De acordo com projeções do IBGE, a população da Grande Vitória, até o final da década, deverá ser superior ao número de habitantes do interior, se permanecer o atual ciclo migratório. Em municípios onde a população não diminuiu, o número de habitantes praticamente se manteve o mesmo durante a última década, como em Apiacá, Fundão, Itaguaçu, Jerônimo Monteiro, Mantenedópolis, Mimoso do Sul, Montanha, Muqui, Pinheiros e São José do Calçado.

Analfabetismo

Ainda segundo estimativa do IBGE, cujos dados não são definitivos, há um número considerável de migrantes residindo na Grande Vitória, vindos de outros Estados, sobretudo, pela ordem, de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Paraná e Ceará. Um dado que pode ser considerado alarmante é que cerca de 1/5 da população capixaba é analfabeta, somando, segundo o IBGE, 531 mil habitantes que jamais frequentaram uma escola.

Trabalhos recentes elaborados durante o projeto Espírito Santo Século 21 indicam que 2/3 da população da Grande Vitória são constituídos de migrantes, e que 35% dos habitantes sobrevivem em subempregos, alternando com períodos de desemprego. Outro dado que ajuda a explicar os índices alarmantes de violência na região é que 57% dos trabalhadores ganham menos que dois salários mínimos mensalmente, considerando ainda que cada trabalhador tem 2,6 dependentes em média. Esse conjunto de dados evidencia um quadro desalentador sobre as condições de vida na Grande Vitória, nos próximos anos.

Média diária chega a 50

Diariamente, uma média de 50 pessoas, vindas das mais diversas regiões do Estado, desembarcam na Rodoviária de Vitória, na esperança de conseguir uma vida melhor. De “mala e cuia”, homens, mulheres, crianças e até mesmo anciãos, se deslocam do interior para a capital, na busca pela sobrevivência, na maioria das vezes, sem ter sequer para onde ir. O número de migrantes, na realidade, é muito maior, já que somente os considerados miseráveis buscam socorro no Posto de Encaminhamento do Migrante (PEM), instalado na Rodoviária.

“Eles chegam todos os dias, em condições as mais precárias possíveis”, revela a assistente social Denize Pereira Neves, coordenadora do PEM. “Em geral, os migrantes não têm lugar para morar, não possuem documentos, não têm dinheiro e estão mesmo à beira da mendicância”, enfatiza a assistente social. Segundo ela, todos dizem sempre a mesma coisa: vieram “tentar a sorte” na Grande Vitória. Às vezes, as assistentes sociais conseguem convencer os migrantes a retornarem as suas cidades de origem, e para isso o PEM paga a passagem de ônibus ou de trem.

Construção civil

O Posto de Migração é mantido pelo Governo do Estado e pela Prefeitura de Vitória. De acordo com Denize Neves, a maioria dos migrantes se desloca do interior do Estado, sobretudo das cidades de Linhares, São Mateus, Nova Venécia,

Muricuri, Pedro Canário e Colatina. Quase sempre eles não têm qualificação profissional, e se mostram dispostos a trabalhar na construção civil. Denize, com a experiência que tem no trabalho com os migrantes, conta que são raros os casos de pessoas vindas dos municípios de Pinheiro, Santa Teresa, Itaguaçu, Muniz Freire e Alegre.

A crise na área de saúde também avança sobre o interior. Segundo Denize Neves, é grande o número de pessoas que vêm para Vitória se submeter a tratamento médico, sem condições sequer de se locomover na cidade. A assistente social também garantiu que são muitos os casos de imigração, com pessoas se deslocando para a Grande Vitória, vindas, principalmente, de Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Somente no mês passado passaram pelo Posto de Migração 653 pessoas, pretendendo fixar-se em Vitória, mas sem dispor de recursos. Desse total, 104 eram crianças.

Muitos migrantes são encaminhados pelo PEM ao Sine, mas não conseguem emprego, já que o órgão exige qualificação profissional e residência fixa. Outros, para não caírem na mendicância, são encaminhados ao albergue mantido pelo Governo e pela PMV, localizado no Sambão do Povo. Lá, eles ficam no máximo 72 horas, com direito ao café da manhã, um banho por dia, pijama e uma sopa. O albergue tem 16 leitos masculinos e quatro femininos, e está sempre com a lotação esgotada, e com uma fila de espera.

Alfredo Chaves, índice baixo

Guarapari (Sucursal) — A Praça Colombo Guardia é a única e principal área verde para lazer da cidade de Alfredo Chaves. Algumas dezenas de pessoas pareciam meio sonolentas, o calor do meio-dia era insuportável. No coreto estavam depositadas seis mochilas, pastas e bolsas de estudantes. Os proprietários, jovens da Escola Pio XII, brincavam mais adiante e não davam a menor importância ao abandono dos seus pertences. Em frente à Prefeitura havia três carros abertos e ninguém se preocupava em trancá-los, mesmo um Voyage que tinha no interior um moderno toca-fitas.

Esse quadro é diário em uma cidade como Alfredo Chaves, que no ano passado só teve um homicídio. “Por favor, peça ao seu motorista para fechar o meu carro. Esqueci aberto e está com o toca-fitas”. O pedido foi propositadamente feito ao prefeito Herval Gaigher, que desconhece a malícia do repórter e respondeu, firme: “Você está em Alfredo Chaves. Aqui não tem problema. Vai ficar lá e ninguém mexe”. Há muita coerência na afirmação, porque, no ano passado, a cidade só teve instaurados 54 inquéritos policiais, segundo levantamentos junto à Delegacia de Polícia Civil. Entre os inquéritos, só um é referente a homicídio.

Este ano, nos registros da DP de Alfredo Chaves já constam 17 inquéritos, nenhum de homicídio. Nove deles estão em andamento, e os demais serão instaurados pelo delegado Lauro Schwab. Morador da cidade, o escritor Ignácio Carlos estima que este ano haverá mais ocorrências policiais devido ao número já existente. O capitão PM Júlio César Lugatto, comandante da Companhia de Polícia Militar desta cidade, que mantém um destacamento em Alfredo Chaves, ressalta: “Não vamos dizer que a criminalidade seja zero. Mas lá não dá nada. O fator segurança em Alfredo Chaves é muito bom, comparado com outras cidades onde também temos policiais militares”.